

**Assimilação para exclusão: questões de pertencimento em “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, de José Luandino Vieira**

**Assimilation for exclusion: Issues of belonging in “Grandma Xíxi and her grandson Zeca Santos”, by José Luandino Vieira**

Mateus Roque da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo colocar em discussão o lugar destinado aos sujeitos assimilados dentro de um complexo de colonização português em África, sobretudo em Angola, entre os anos de 1960 e 1970. Para tanto, fez-se uso do conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, publicado em 1964 pelo escritor luso-angolano Luandino Vieira em sua obra *Luuanda*, na qual buscar-se-á analisar, a partir da figura emblemática de Zeca Santos, o debate posto pelo autor em torno dos assimilados, bem como sua complexa relação ambígua entre os mundos do colonizador e colonizado. O foco de nossos apontamentos concentrar-se-ão na relação de “vergonha” que o personagem estabelece com sua condição deslocada e, a partir dela, analisa-se algumas de suas ações, tais quais sustentar uma série de “aparências” em uma sociedade marcadamente em decadência.

**Palavras-chave:** Assimilação. *Luuanda*. Identidade. Zeca Santos.

**ABSTRACT**

The purpose of article essay is to discuss the place destined for subjects assimilated within a complex of Portuguese colonization in Africa, especially in Angola, between 1960 and 1970. For this purpose, the story selected was “Grandma Xíxi and her grandson Zeca Santos”, published in 1964 by the Portuguese-Angolan writer Luandino Vieira in his work *Luuanda*, in which we will seek to analyse, based on the emblematic figure of Zeca Santos, the debate posed by the author about those integrated into the Portuguese culture, as well as the complex ambiguous relationship between the worlds of the colonizer and the colonized. The focus of our notes will be on the association of “shame” that the character establishes with his condition of feeling displaced and, from it, some of his actions are analyzed, such as sustaining a series of “appearances” in a society markedly in decay.

**Keywords:** Assimilation. *Luuanda*. Identity. Zeca Santos.

**Introdução**

O conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, publicado no livro *Luuanda* (1964), integra uma das obras mais representativas do projeto ficcional do escritor luso-angolano Luandino Vieira. Grande parte da crítica que se tem produzida acerca do autor apontam para *Luuanda* enquanto obra chave em sua trajetória literária, pois, de certa maneira, o trabalho atesta a maturidade do escritor e, ao mesmo tempo, demarca um redirecionamento de sua

---

<sup>1</sup>Mestrando em Literaturas de Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), sob financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mail: [mateusroques@yahoo.com](mailto:mateusroques@yahoo.com)

própria escrita. “Se a objetividade e o caráter de exemplaridade das situações narrativas se fazem mais presentes nas primeiras estórias do autor”, é a partir de *Luuanda* que as complexidades das relações sociais, culturais e políticas luandenses assumem seu maior destaque (MARTIN, 2005, p. 80).

A poética de Luandino, assim como de outros escritores angolanos, sobretudo a partir da segunda metade do século XX é marcada pela superação da fragmentação da sociedade colonial, a constante defesa da luta anticolonialista e a busca pela construção de uma identidade angolana independente da portuguesa. José Luandino Vieira, filho de portugueses, muda-se ainda na infância para Angola, onde morou nos bairros populares de Luanda, convivendo com aqueles que, mais tarde, se tornariam os protagonistas de seus livros. Devido à sua intensa ligação com a capital angolana, passou a adotar, como parte de seu nome, o termo “Luandino”.

Homem de ação, no contexto de lutas africanas contra o domínio português, não se restringiu apenas à denúncia das mazelas coloniais no campo literário, sendo também integrante do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), chegando a ser preso em 1959 pelas autoridades metropolitanas. Após pouco tempo clausura é libertado. No entanto, por continuar associado aos movimentos independentistas, é novamente preso, em 1961, dessa vez por quatorze anos. Neste período de confinamento e repressão política, Luandino escreve, dentre outras obras, *Luuanda* (1964) (NASCIMENTO, 2016, p. 278).

Nesta obra, composta por três contos<sup>2</sup>, Luandino reúne, de diferentes maneiras, personalidades que representam metonimicamente a realidade das periferias de Luanda (OLIVEIRA; FEITOSA. 2020, p. 38). As narrativas se inserem em um contexto de luta pela independência do país e, diante disso, o autor encena uma série de tensões sociais entre a conduta dos sujeitos colonizados em face de seus colonizadores, apontando para as mais diversas formas de violências intrínsecas ao processo de descolonização. Nessa ambiência, Rita Chaves (2005), ao chamar a atenção para a figura dos narradores de Luandino, destaca como estes expõem, de forma bem-marcada, ao leitor, o colapso de uma sociedade colonial em decadência, encenando em seu jogo com a linguagem os diversos sinais dessa crise, não só em seu aspecto político, mas também sociológico. Sendo assim, autor e narradores transitam pelos cenários de fome, escassez e constantes violências simbólicas que, segundo a filósofa

---

<sup>2</sup> A saber: 1. Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos; 2. A estória do ladrão e do papagaio; 3. A estória da galinha e do ovo.

política Hannah Arendt (1989), são fundamentais na construção de uma lógica colonial e imperialista.

A partir desta obra emblemática, o presente artigo propõe-se a analisar o conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos” (1964), no qual Luandino Vieira discorre, em momentos diversos, as múltiplas questões e tensões raciais que se apresentam aos seus personagens, entendidos aqui enquanto síntese de um debate histórico e nacionalista mais amplo. Nesse sentido, dentre as várias possibilidades de abordagem, elencou-se a discussão em torno dos sujeitos assimilados, sem lugaridade, indissociáveis de um complexo racista e hierarquizante de colonização. Para tal, optou-se por concentrar nosso estudo na figura de Zeca Santos, protagonista assimilado a cultura metropolitana, e sua relação “vergonhosa” com sua própria condição de personagem deslocado “entrelugares”, ou seja, “entre os mundos” do colonizador/civilizado e do colonizado/bárbaro (HERNANDEZ, 2008, p. 104).

### **Zeca Santos e as marcas da ambiguidade**

O debate em torno da assimilação colonial e dos sujeitos assimilados é recorrentemente tematizado por Luandino Vieira. No conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, deparamo-nos com a composição de um verdadeiro mosaico de narrativas que transitam entre os campos do fictício e do factível. O autor, sem se distanciar de seu compromisso político e estético, opta por tratar de uma série de temáticas e questões turvas e, em muitos casos, busca recriar através da sua literatura diversas experiências e sensações de sujeitos que vivenciaram na pele a dureza do processo de descolonização.

Em “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, a grande questão enredada por Luandino Vieira, entre a constância de tantas outras faltas, é a fome. O narrador, a partir desta temática, nos conduz a uma realidade amarga de grupos marginalizados na periferia de Luanda, marcados pela durabilidade da peleja e pobreza, agravadas pelas guerras independentistas. Em meio a tantas mazelas sociais e uma forte tempestade que chega, prenunciada por Vavó Xíxi, o narrador introduz a figura de Zeca Santos, que entra “empurrando a porta de repente” e escorregando “no chão lamacento da cubata<sup>3</sup>, Vavó pôs um grito pequeno, de susto, com sua entrada de cipaio.” Zeca sorri (VIEIRA, 2006, p. 5-6).

---

<sup>3</sup> **Cubata:** Habitação feita de restos de materiais de construção; barraco, casebre.

Zeca Santos é um moço imaturo, irresponsável e de poucas preocupações com a rispidez da vida que levava. O personagem, que surge fugindo da “pressa da chuva”, é descrito pelo narrador enquanto um jovem desastrado, com orelhas de abano, magro de mais, farrista, namorador e dorminhoco. À Vavó Xíxi, restava o penoso fardo de ajuizar o travesso menino: “- Sukua<sup>4</sup>! Então, você, menino, não tens mais é vergonha? ... Ontem não te disse dinheiro acabou? Não disse para o menino aceitar serviço mesmo de criado? Não lhe avisei? Diz só: Não lhe avisei? ...” (VIEIRA, 2006, p. 6).

Pires Laranjeira (1995, p. 124), em *A cigarra e a formiga: fábula luandina*, associa a construção dos personagens de Luandino Vieira com a fábula da cigarra e da formiga de *La Fontaine*. Na sua concepção, Zeca Santos aproxima-se da preguiçosa cigarra ao preferir comprar uma camisa florida com o último salário que havia recebido, ao invés de se preocupar com seu próprio sustento. Em contraposição, seguindo essa linha de análise, Vavó Xíxi se identificaria com a formiga, aquela que está muito mais preocupada com o seu sustento, bem como de seu neto, do que com outras futilidades. É a partir desta chave interpretativa, proposta por Laranjeira, que começamos a inferir sobre a construção do jovem personagem.

Luandino Vieira, em entrevista para Joelma G. dos Santos, revela que:

[...] o Zeca Santos é um personagem que trabalhava comigo. E eu via os seus problemas de relacionamento, de namoro, **seus problemas de vergonha da miséria, e a vergonha é o primeiro sentimento de revolta que a gente tem. Uma revolta contra nós próprios, não é?** Mas já era um princípio de revolta, quando a gente tem vergonha porque o sapato está roto, ou a gente fez cinco quilômetros a andar debaixo do sol e chega transpirado ao trabalho e tem o cheiro do suor. Essa vergonha que ele tinha entranhada nele fez com que eu meio que adotasse Zeca Santos. Não se chamava Zeca Santos, obviamente, como um personagem que me doía a mim o que se passava com ele, esse é outro processo. (VIEIRA, [s.d.], Grifo nosso).

O relato de Luandino, que descreve a transposição de uma experiência pessoal para sua composição literária, aponta para uma série de ambiguidades presentes na formulação do personagem Zeca Santos, marcado pelos dilemas de exclusão dos mundos do colonizador e do colonizado. Sua avó, que anteriormente gozava de um nome pomposo – Dona Cecília de Bastos Ferreira –, esposa de um importante comerciante mulato da comunidade, transformou-se, no presente da narrativa, em Nha<sup>5</sup> Xíxi Hengele, habitante de uma miserável cubata no

---

<sup>4</sup> **Sukua:** Expressão que equivale aproximadamente a “bóias!”.

<sup>5</sup> **Nga:** Forma abreviada de dizer Ngana, Senhora.

musseque<sup>6</sup> (OLIVEIRA; FEITOSA, 2020, p. 39). No entanto, Vavó Xíxi, ao contrário de seu neto, assume sua condição declinante, ao passo que Zeca sofre com “uma vergonha antiga, uma vergonha que lhe fazia querer sempre camisas coloridas, calças como sô Jaime só quem sabia fazer, uma vergonha que não lhe deixava aceitar comida, como ainda nessa manhã: Maneco tinha querido dar meia-sandes<sup>7</sup>” (VIEIRA, 2006, p. 10-11).

O tempo histórico da narrativa é enredado entre os anos de 1960 e 1970, em um período marcado pela ascensão de uma série de movimentos contra a dominação colonial em Angola (OLIVEIRA, 2014, p. 18). A metrópole portuguesa, que entre os anos de 1926 e 1974, esteve sob a égide da ditadura Salazarista que, valendo-se do Estatuto do Indigenato (1926 – 1961), buscou legitimar-se em suas colônias ultramarinas por meio de uma forte política de assimilação dos sujeitos locais com a cultura europeia, dita civilizada, transformando-se, paulatinamente, em um dos instrumentos indissociáveis do processo de dominação e aculturação de diversos povos, sobretudo os mais tradicionais. Os assimilados, que gozavam de um *status* mais elevado dentro deste complexo colonialista, atuavam como “intermediários”, entre o sujeito colonizador e as populações a serem colonizadas, não enquadrando-se perfeitamente em nenhuma dessas extremidades, construindo-se, ao longo desse processo, enquanto personagens do “entre-lugar” (NASCIMENTO, 2016, p. 281).

O menino Zeca, dentro desse contexto de colonização imperialista na África, é descrito pelo narrador e, em certos instantes, também pela fala de outros personagens, enquanto um sujeito assimilado, contudo, em diversos momentos, mostra-se envergonhado de sua condição deslocada, em um lugar-sem-lugaridade. A cientista política Leila Hernandez (2008, p. 104), ao discorrer acerca da política cultural de assimilação típica ao processo de dominação europeu, destaca que, em linhas gerais, como este modelo objetivava impor os princípios básicos e tradicionais das culturas hegemônicas, buscou converter, gradualmente, o africano (bárbaro) em um tipo, evidentemente subjugado, de europeu (civilizado). No entanto, esse arquétipo idealizado por uma elite dominante, só pode existir e, de certa maneira, fazer algum sentido prático, sob a égide do *status quo* colonial que imputa e legitima aos sujeitos dominados uma espécie de “estatuto pessoal” de civilizado, de modo a aproximá-lo da cultura imperante. O menino Zeca, embora enquadrado nessa categoria, em uma primeira leitura,

---

<sup>6</sup> **Musseque:** Antigo bairro popular, urbano ou suburbano.

<sup>7</sup> **Meia-sandes:** Meio sanduíche.

conta ainda com um outro fator agravante, capaz de inviabilizar sua inserção entre os dominantes.

Seu pai, João Ferreira, por se colocar em oposição a dominação portuguesa em Angola, acaba por converter-se em preso político, acusado de ações terroristas contra Portugal. O ato causa desdobramentos imediatos ao menino Zeca que, em face da ausência do pai e a constância da fome, sai a procurar trabalho na Baixa (então um espaço de comércio popular em Luanda) e pelos musseques (NASCIMENTO, 2016). Ao buscar um emprego no posto de combustíveis de Sô Souto, acaba por levar umas chicotadas do homem branco, que ao longe acusava-o de ser filho de um “terrorista”. Ao chegar em casa, com as costas marcadas, esclarece a Vavó Xíxi:

[Zeca] – Não fiz nada! Quando eu fugi, ficou me a gritar ia pôr queija no Posto, eu era gatuno<sup>8</sup> como o Matias que andava lhe roubar dinheiro da gasolina quando estava trabalhar lá ...

[Vavó] – Ih!? Mas esse menino está preso mesmo, mentira?

[Zeca] – Sim, vavó! Foi que lhe levou no Posto. E estava-me gritar eu era filho de terrorista, ia-me pôr na queixa, não tinha mais comida para bandidos, não tinha mais fiado ... (VIEIRA, 2006, p. 9).

A velha, que também se identificava com a cultura do colonizador, desconfiava da fala do neto. “Vavó Xíxi Hengele, velha sempre satisfeita, [...] não queria acreditar essas coisas estava ouvir, mas as costas do neto falavam a verdade.” (VIEIRA, 2006, p. 9). No entanto, ainda recusando-se a acreditar no relato de Zeca, a velha questionava-o:

[Vavó] – Mas ouviu ainda, Zeca! Você não lhe tiraste nada? Nem mexeste mesmo nas roupas da porta, só para ver? ...

Cautelosa, com toda a esperteza e técnica dos anos que tinha vivido, Vavó Xíxi começou a explorar o neto, pôr perguntas pareciam à toa mas eram para descobrir se ele falava mentira. Zeca não aceitou: saltou da mesa, os sapatos furados puseram um barulho mole no chão de barro, e gritou raivoso, defendendo-se:

[Zeca] – Vavó, possa<sup>9</sup>! Não sou ladrão! Não Roubei nada! Só queria o serviço, juro, vavó! (VIEIRA, 2006, p. 9).

Terezinha Moreira (2013, p. 6), ao ler Albert Memmi (1977), chama a atenção para os aspectos de negação da fala do colonizado. A cultura dominante “não vê o colonizado como ele é, mas transforma-o em outra coisa, rejeita as qualidades que poderiam torna-los iguais, desumaniza-o”, retirando-lhe, neste caso, qualquer credibilidade de fala. Na composição da

---

<sup>8</sup> **Gatuno:** Larápio, ladrão.

<sup>9</sup> **Possa:** Interjeição que equivale aproximadamente a “puxa vida!”.

cena, o menino Zeca Santos, aparece-nos associado a um outro garoto delinquente e, por meio de uma visão preconceituosa e homogeneizante, acaba incluído em um mesmo conjunto de estereótipos (BHABHA, 1998).

Diante de tais acontecimentos, Maneco, amigo de Zeca, o informa sobre uma outra oportunidade de emprego em um anúncio que ele havia visto. Zeca, dirige-se imediatamente até o local indicado e, chegando lá:

O rapaz da farda veio nas corridas trazendo bloco de papel e lápis e parou na frente dele, à espera. O homem magro observou bem Zeca Santos nos olhos: depois depressa desatou a fazer perguntas, parecia queria-lhe mesmo atrapalhar: onde trabalhou; o que é que fazia; quanto ganhava; se estava casado; qual era a família; se era assimilado; se tinha carta de bom comportamento dos outros patrões; muitas coisas mais (VIEIRA, 2006, p. 19).

A sequência ininterrupta de perguntas do entrevistador sobre o trabalho, casamento, família, se tinha comportamento adequado ou se era assimilado a cultura europeia, apontam para uma série de quesitos definidores dos sujeitos, capazes de integra-lo ou excluí-lo do convívio “civilizado” luandense. “Zeca Santos nem conseguia tempo de responder completo, nem nada” (VIEIRA, 2006, p. 19). Em diálogo com tais proposições, o historiador Washington Nascimento (2016) esclarece que para responder, com convicção, esses questionamentos, o personagem deveria portar, conforme as leis da época, um bilhete de assimilado, no qual exigia-se que o indivíduo obtivesse “certidão de idade, habilitações literárias, isto é, a 4ª classe, diploma e atestado de residência”. Mas isso não é tudo, Zeca ainda precisava comprovar seu bom comportamento – atestado pelo administrador do concelho –, o que, em outras palavras, significaria não ter se insubordinado contra um português – branco/europeu – anteriormente.

Os questionamentos prosseguiam:

– Ouve lá, pá, onde é que nasceste?  
– Nasceu onde? – repetiu o contínuo.  
– Catete, patrão!  
O homem então assobiou, parecia satisfeito, bateu na mesa enquanto tirava os óculos, mostrando os olhos pequenos, cansados.  
– De Catete, hem?! Icolibengo<sup>10</sup>?... Calcinhas<sup>11</sup> e ladrões e mangonheiros!... E agora, por cima, terroristas!... Põe-te lá fora, filho dum cão! Rua, filho da mãe, não quero cá catetes<sup>12</sup>!... (VIEIRA, 2006, p. 19).

---

<sup>10</sup> **Icolibengo:** Natural da região de Icolo e Bengo, perto de Luanda.

<sup>11</sup> **Calcinhas:** (Depreciativo) que se veste à européia.

<sup>12</sup> **Catetes:** Naturais de Catete, localidade a leste de Luanda.

Ao revelar sua região de origem, Zeca enquadra-se, mais uma vez, em uma série estereótipos. Catete e Icolo-Bengo, localizadas ao norte de Luanda, eram conhecidas por concentrarem importantes movimentos anti-colonialistas, muitos ligados ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), já citado anteriormente (NASCIMENTO, 2016). O menino, uma vez mais enxotado, acaba conseguindo, com a ajuda e indicação do amigo, um emprego braçal, carregador de sacos de cimento, no qual receberia a quantia de quarenta “contos”, devendo reembolsar seu empregador em dez. A exploração sofrida por Zeca Santos vai ao encontro de constatações apresentadas por Leila Hernandez (2008, p. 101), quando esta levanta a discussão em torno das estruturas de poder no período colonial e chama a atenção para a constante busca por mão-de-obra barata para o transporte de cargas pesadas, construção de estradas, ferrovias, dentre outros trabalhos de cunho braçal no período de colonização africana.

Combinado o serviço, distante de quaisquer direitos, o menino sai para encontrar sua enamorada, Delfina. A jovem moça ansiava por se casar bem, flertava com outros pretendentes mais promissores que Zeca, com trabalho, carro e outras posses. Ao encontrarem-se, de imediato, a moça pergunta-lhe: “E trabalho, já arranjuste?” (VIEIRA, 2006, p. 23). Séria com esse assunto, Zeca ficou calado. Delfina, buscando provocá-lo, continua: “– Você tens é raiva! O rapaz trabalha, tem seu carro dele, e fala-me mesmo para casar comigo” (VEIRA, 2006, p. 24). Inseguro com tudo isso, desejava dizer-lhe sua nova conquista,

[...] mas como ia-lhe contar então o que tinha sucedido nesses dias de procura de trabalho? Ou mesmo falar esse trabalho de carregador de cimento no ponto, serviço assim só de monangamba<sup>13</sup>? Ela não ia aceitar, ia-lhe deixar naquela hora, naquele sítio, no meio do caminho das barrocas. Também dizia não tinha trabalho, não entrava serviço, era pior. (VIERA, 2006, p. 24).

Delfina continua a falar sobre João Rosa e todas suas promessas. “Essas palavras magoavam-lhe lá dentro, sentia tristeza, vergonha dele mesmo, mas também sorte não tinha, gostava a pequena, o pior é que trabalho todos os dias custa encontrar” (VIEIRA, 2006, p. 24). Zeca não se envergonha apenas de sua condição pobre e periférica, mas também por uma série de outras questões mais estruturais. Em primeiro lugar, destacamos a perda de *status* de sua família no cenário social em que estavam inseridos, sobretudo após o envolvimento de seu

---

<sup>13</sup> **Monangamba:** Carregador.

pai com o MPLA. Ainda sob a égide do domínio colonial, a família dos Bastos Ferreira, além de empregados em sua casa, gozava de muito respeito em sua comunidade, perceptível aos fins de tarde, quando os que passavam na rua faziam questão de cumprimenta-los, com sorrisos e palavras no curvar das costas.

Uma segunda questão, também fulcral para a compreensão acerca das sensações de “vergonha” em Zeca, é a sua impossibilidade de ingressar, mesmo que parcialmente, no mundo de seu colonizador. O jovem, ao se preocupar em adquirir, as custas de seu último salário, uma “camisa amarela de desenhos de flores coloridas”, objetiva enquadrar-se em um forte discurso estético colocado pelo colonizador. Homi Bhabha (1998), em *O Local da cultura*, chama a atenção justamente para a força desses discursos coloniais que vão, aos poucos, se introjetando com muita eficácia nos sujeitos assimilados, alterando seus hábitos. Em estreito diálogo com essas ponderações, Terezinha Moreira (2013, p. 6) salienta que:

Diante dessa construção de linguagem que o mostra, a si mesmo, como inferior, o colonizado é obrigado a aceitar-se como ocupante de um lugar de privação, de deficiências, de negação de uma posição no mundo da história, de impossibilidade, de retorno aos valores tradicionais, de uma verdadeira amnésia cultural provocada pela reprodução da situação colonial.

Em síntese, o sujeito que não consegue integrar-se à cultura dominante, uma vez que essa o rejeita, também não pode retornar a sua de origem, permanecendo-se entre ambos os lugares. O processo de assimilação, de caráter autoritário e coercitivo, transformava esses sujeitos em agentes coniventes com o colonizador e sua ideologia, em contrapartida, reforçava a segregação (HERNANDEZ, 2008, p. 105). Durante o período de lutas pela independência, esses personagens do entrelugar são estigmatizados, ao passo que excluídos, por ambos os polos, problemáticas que se encenam na narrativa, sobretudo na figura de Zeca Santos, sujeito sem identidade própria e que se envergonha desta condição.

[Zeca] tinha escondido a cabeça no colo, a vergonha não lhe largava o coração, a vontade de falar só a verdade na menina, como ela merecia, e a certeza nessa hora que falasse ia lhe perder mesmo quando ela ia saber ele só tinha um serviço de monangamba e, pior, João Rosa, seu “Morris”, suas delicadas falas a quem-lhe roubar a pequena (VIEIRA, 2006, p. 26).

Segundo a filósofa política Hannah Arendt (1989), as práticas políticas coloniais foram capazes de gerar uma sociedade fundada em assimetrias, na clara e indissociável ideia hierarquizada dos sujeitos, europeus e nativos. Um dos elementos fundamentais para a melhor

apreensão desses paradigmas foi, na concepção de Arendt, o fortalecimento de perspectivas racistas, enquanto definidoras do *status* individual, social e político. O assimilado não encontra-se, dentro deste paradigma dualístico, em nenhum dos grupos, mas anseia, em um primeiro momento, aproximar-se dos dominantes, como aponta Frantz Fanon (1979). Delfina deseja, acima de tudo, ascender-se socialmente e é neste ponto que Zeca Santos reconhece sua condição declinante e se envergonha, pois, ao aceitar um trabalho “de negros”, o personagem inegavelmente decai socialmente e esta condição ele não pode assumir.

O dilema do garoto não se restringe apenas a sua enamorada (esfera pública), mas chega também em sua relação com Vavó Xíxi (esfera privada). Após um desentendimento com Delfina, Zeca Santos retorna para sua casa, onde encontra no silêncio da cubata Nha Xíxi gemendo, deitada na esteira. Ao chegar mais perto, a senhora pouco fala, mas acontece que

O neto percebeu nessas palavras o mesmo desses dias todos, a razão que sempre fazia vavó perguntar, adiantar saber se encontrado serviço, se já tinha ganhado qualquer coisa para comer. E ficou com vergonha ali, na frente dela, de falar aquele trabalho, serviço de monangamba do porto e mesmo assim o vencimento de dividir com o homem da praça. O melhor era calar a boca, não falar esses casos; ir ao trabalho; receber o dinheiro e adiantar comprar coisas de comer; depois, pôr uma mentira de outro serviço (VIEIRA. 2006, p. 26-27).

O neto, que insiste junto de seu amigo para conseguir um serviço, diante de sua avó, envergonha-se. O sujeito, ao mentir sobre sua condição, vai, aos poucos, perdendo sua identidade em prol de uma sociedade sustentada por simulacros. O personagem mente, mas o narrador, neste caso onisciente, mesmo em face de tantas adversidades, continua a manter seu tom alegre, risonho e, até mesmo, irônico, pois nada o pode surpreender (LARANJEIRA, 1995, p. 124). Boaventura Santos (2001) chama a atenção para a importância de se compreender as identidades culturais a partir de sua constante mutabilidade, ou seja, suas constantes transformações pelo contato natural com o diferente. No entanto, em se tratando de um contexto de colonização, as mudanças no plano da cultura são forçadas pela imposição de um outro e, de certa maneira, acelera o processo de assimilação com outras identidades. Zeca Santos, nessa concepção, opta por romper esta ligação com uma cultura civilizada, mesmo que para isso seja necessário afundar-se em uma vida que não é sua.

A crítica que se tem deste conto tem apontado, dentre outros aspectos, para a importância do humor, sobretudo do riso, de Vavó Xíxi em face de tanta miséria. Nós aqui, porém, acreditamos que a figura de Zeca Santos, e, sua relação intrínseca com a vergonha de sua condição, também pode apresentar-se enquanto uma importante chave interpretativa do

conto e, em certa medida, da própria condição deslocada dos sujeitos assimilados em um contexto decolonial.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique**: experiência colonial e territórios literários. Cotia: Ateliê, 2005.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Lourenço de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**: Visita à história contemporânea. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. v. 64. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MARTIN, Vima Lia. O otimismo militante de *Luuanda*. **Gragoatá**: Niterói, n. 19, 2005, p. 79 – 93.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MOREIRA, Terezinha Taborda. A identidade moçambicana no ilusório espelho da raça. *In*: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. **Mia Couto**: um convite à diferença. São Paulo: EDUSP, 2013.

NASCIMENTO, Washington Santos Nascimento. Entre assimilados, mulheres e homens do mato: A busca pelo sujeito nacional em Luandino Viera. **História: Questões & Debates**. Curitiba, v. 64, n. 1, p. 277 – 298, 2016.

OLIVEIRA, Rayana Kelly Rodrigues de; FEITOSA, Márcia Manir Miguel. A vida nos musseques: a geograficidade em “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”. **Revista interdisciplinar em cultura e sociedade (RICS)**, São Luís, v.6 , n.1, p. 36 – 44, 2020.

OLIVEIRA, Renata Quintella de. *Luuanda*: Riso, alegria e vitalidade. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 14 – 25, 2014.

VIEIRA. José Luandino. **Luuanda**: estórias. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.